
Ilustrando de vermelho: como a mídia constrói a imagem do PISA

Victor Henrique Tartari DIAS

Resumo No atual cenário sociopolítico brasileiro, a discussão sobre o papel das avaliações externas e sua interferência na formação de políticas públicas educacionais tem sido cada vez mais presente. Este trabalho nasce do questionamento sobre como a avaliação do PISA influencia a educação no Brasil e toma como perspectiva teórica a análise de discurso de linha francesa. A partir da pergunta de pesquisa, estabeleceu-se como objetivo geral refletir sobre como a mídia representa e divulga os resultados das avaliações do PISA e como isso pode afetar a educação como um todo, no sentido de moldar as políticas públicas dos países que aplicam a prova, como o Brasil e como objetivos específicos levantar reportagens da Folha de São Paulo sobre a última avaliação do PISA, edição de 2018 e escolher e analisar discursivamente 2 reportagens. O corpus escolhido para tal reflexão são duas reportagens do Jornal Folha de São Paulo relacionadas com a última edição do PISA em 2018. Mais do que divulgar os resultados e problematizar sobre o futuro dos jovens brasileiros, o objetivo da prova é entender se os sistemas educacionais têm sido eficazes na formação de seus jovens. Para isso, é realizada uma avaliação trianual com alunos de 15 anos, a fim de comparar o rendimento das economias que compõem o PISA. Com o olhar da análise de discurso como fundação teórica, a análise aponta o PISA como um dos instrumentos de objetivação que corrobora com mudanças no atual cenário político da educação brasileira.

Palavras-chave: PISA; Análise de discurso; Políticas públicas, Avaliação externa.

Discursive analysis of media reports on PISA

Abstract, In the current Brazilian socio-political scenario, the discussion about the role of external evaluations and their interference in the formation of educational public policies has been increasingly present. This work arises from the questioning of how the PISA evaluation influences education in Brazil and takes the French perspective of discourse analysis as a theoretical perspective. Based on the research question, it was established as a general objective to reflect on how the media represents and disseminates the results of PISA evaluations and how it can affect education as a whole, in order to shape public policies in the countries that apply the PISA. proves, like Brazil and as specific objectives, to collect reports from Folha de São Paulo about the latest PISA evaluation, 2018 edition and choose and discursively analyze 2 reports. The corpus chosen for this reflection are two reports from the Folha de São Paulo newspaper related to the last edition of PISA in 2018. More than disseminating the results and questioning the future of young Brazilians, the objective of the test is to understand whether the educational systems have been effective in training their young people. For this, a three-year assessment is carried out with 15-year-old students, in order to compare the income of the economies that make up PISA. With the view of discourse analysis as a theoretical foundation, the analysis points to PISA as one of the instruments of objectification that corroborates changes in the current political scenario of Brazilian education.

Keywords Discourse analysis; Public policies, External evaluation.

Introdução

O PISA (Programme for International Student Assessment) é uma avaliação internacional comparativa à educação dos países, a fim de coletar informações sobre o desenvolvimento dos conhecimentos dos estudantes dentro e fora da escola. A prova é organizada pela OCDE

(Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) com estudantes de 15 anos envolvendo matemática, ciências e leitura.

A avaliação é realizada a cada 3 anos, com as áreas de domínio (matemática, ciências e leitura), no entanto, a cada edição uma das três áreas é a norteadora, ou seja, significa que os estudantes respondem a um maior número de itens no teste dessa área do conhecimento e que as questões se centraliza em informações relacionadas à matéria principal. Que através do INEP junto a OCDE, desenvolvem uma pesquisa amostral de larga escala buscando compreender o nível de eficiência dos sistemas de educação.

Levando em conta o contexto acima, este projeto de pesquisa tem como tema as reportagens da mídia brasileira sobre os resultados do PISA, particularmente em um veículo principal: a Folha de São Paulo. Temos como objetivo geral entender como a mídia representa e divulga os resultados das avaliações do PISA e como isso atinge o público de forma imagética, sentido de moldar as políticas públicas dos países que aplicam a prova, como o Brasil.

Os objetivos específicos consistem em: levantar reportagens da Folha de São Paulo sobre a última avaliação do PISA, edição de 2018 e escolher e analisar discursivamente 2 reportagens.

Após a participação do Brasil na última edição do Pisa em 2018, em que o país ocupou a 57º posição, muitos pesquisadores têm demonstrado que a educação ainda enfrenta sérios desafios. Desse modo, utilizar essa avaliação externa como instrumento de regulação é contraditório, pois ela não evidencia os diversos contextos que envolvem o processo educacional.

Assim, este artigo se justifica pela necessidade de melhor conhecermos as imagens discursivas que transitam no universo midiático sobre o PISA. Ao conhecermos o processo das avaliações de larga escala, como o PISA sendo um instrumento de regulação para as políticas educacionais, analisando a participação do Brasil na edição do PISA 2018. Portanto, indaga-se a discussão sobre o PISA e as reflexões dadas pela análise de discurso a fim de refletir sobre o efeito de sentido que envolve esta avaliação.

Uma questão que mobiliza esta pesquisa é melhor entender como o PISA contribui para a imagem da educação brasileira, interna e externamente. A partir disso, propõe-se a responder às seguintes perguntas de pesquisa: que tipo de reportagens são veiculadas sobre a prova do

PISA?; Como a mídia contribui para construir uma identidade da educação brasileira? e Como as reportagens constroem discursivamente o a relação aluno e professor?

Partindo-se do pressuposto de que a avaliação é única em nível internacional e as questões são as mesmas, apenas sendo traduzidas para as línguas dos diversos países, toma-se como hipótese que isso afeta os resultados pois não leva em conta as diversidades culturais e pedagógicas das nações, o que não é veiculado pela mídia.

Esse estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa em uma perspectiva interpretativa, a partir da qual serão analisadas as reportagens sobre o PISA 2018. Trata-se de uma pesquisa documental e os documentos são extraídos das reportagens escolhidas.

A análise se dará pela lente da Análise do Discurso de linha francesa, discutindo as principais representações das provas. Também, tomaremos como fundamentação teórica trabalhos publicados sobre o PISA.

Portanto, este artigo apresenta três partes, além da introdução. Na seção 1, será apresentado o PISA como avaliação internacional e sua metodologia, seguido pelo contexto do PISA Brasil. Na seção 2, são apresentadas as principais concepções acerca da análise de discurso que nortearão as discussões desta pesquisa, os conceitos de discurso e sujeito. Em seguida, é apresentada a análise e as conclusões.

Contextualizando o PISA

O PISA é reconhecido por ser uma avaliação amostral internacional de larga escala que permite obter informações sobre os sistemas educacionais dos países participantes, por meio de testes de habilidades e conhecimentos aplicados aos estudantes com idade de 15 anos de idade e que estão se aproximando do fim da educação formal compulsória na maioria dos países participantes. Assim, o teste busca avaliar até que ponto os estudantes adquiriram conhecimentos e habilidades essenciais para plena participação na vida social e econômica. (INEP, 2018, p.30,)

No ano de 2000, foram iniciadas essas avaliações, abrangendo 3 áreas do conhecimento, leitura, matemática e ciências, sendo que há uma ênfase por área a cada ano de aplicação com é avaliado um domínio principal, o que significa que os estudantes respondem a um maior número de itens no teste dessa área do conhecimento e que os questionários se centralizam na coleta de

informações relacionadas à aprendizagem nesse domínio. O objetivo dessas avaliações é produzir indicadores que contribuam para a discussão da qualidade da educação nos países participantes, e subsidiar políticas públicas de melhoria no ensino básico.

Para justificar seu objetivo, o Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP criou um vídeo intitulado “como funciona o PISA”, divulgado em sua página, o qual diz que o objetivo do PISA não é ranquear os países participantes, mas revelar se os sistemas educacionais estão se tornando mais ou menos eficientes, procurando desenvolver indicadores que contribuam para discussões em melhorias de políticas públicas.

Para isso, as provas são elaboradas dinâmicas por meio do método Teoria de Resposta ao Item (TRI) procurando apontar como conhecimento e competências são aplicados pelos alunos, tendenciando ir além do conhecimento escolar, examinando a capacidade dos alunos de análise, raciocínio e reflexão ativa sobre seus conhecimentos e experiências, enfocando competências que são relevantes para suas vidas futuras na solução de problemas do dia-a-dia.

Para obter informações contextuais, o PISA aplicou questionários aos alunos, pais e equipe escolar de cada escola participante. As respostas aos questionários foram analisadas com os resultados da avaliação para fornecer uma visão mais ampla do desempenho dos estudantes, da escola e do sistema, os questionários coletaram informações e um perfil básico de conhecimento e habilidades dos estudantes:

- Indicadores derivados de questionários que mostram como tais habilidades são relacionadas a variáveis demográficas, sociais, econômicas e educacionais.
- Indicadores de tendências que acompanham o desempenho dos estudantes e monitoram os sistemas educacionais ao longo do tempo.

E na última edição do PISA, em 2018 foram incluídos mais três formulários opcionais sobre tecnologia da informação, família, carreira educacional e bem estar. Para melhor comparar o desempenho dos alunos, o PISA tem como alvo alunos entre 15 anos e 3 meses e 16 anos e 2 meses e que completaram pelo menos 6 anos de escolaridade formal.

A escolha desse grupo vem do fato de estarem próximos de concluir a fase de “educação obrigatória”, assim, o teste busca avaliar até que ponto os estudantes desta idade adquiriram conhecimentos e habilidades essenciais para plena participação na vida social e econômica (INEP, 2018, p.30).

Estes resultados e análises têm sido usados como instrumentos de trabalho para alteração de políticas educativas, assim sendo mais efetiva a formação dos jovens para a vida futura e para a participação ativa na sociedade. O PISA tornou-se referência na avaliação em larga escala no contexto mundial. Desde sua primeira edição, em 2000, o número de países e economias participantes tem aumentado.

O Brasil no PISA

A participação do Brasil acontece desde sua 1ª edição, em 2000, sendo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) o órgão responsável pelo planejamento e operacionalização dessa avaliação no país. Em meio às diferenças políticas, sociais, culturais e econômicas que a própria OCDE reúne e apresenta entre os países participantes, é possível identificar também inúmeras semelhanças. Foi assim que, em 2005, o Brasil se reuniu com países como México, Uruguai, Portugal e Espanha para formar o GIP – Grupo Ibero-americano do PISA, para trabalharem colaborativamente suas experiências com a implementação da avaliação.

Em 2018, participaram do PISA 37 países membros da OCDE e 42 países parceiros. Dentro desse quadro, encontram-se economias que não podem ser consideradas como países, entre elas, destacam-se algumas províncias da China além de Hong Kong e Macau. A participação do Brasil no ciclo de 2018 contou com uma amostra de 597 escolas e 10.691 estudantes avaliados. (INEP, 2018, p.29). Em 2018 houve uma diminuição da amostragem, 46% a menos comparando com a edição de 2015, no entanto, apesar de abranger um número menor de alunos avaliados, houve um pequeno aumento na média geral de cada área, como se pode verificar pela tabela abaixo:

	2000	2003	2006	2009	2012	2015	2018
Alunos avaliados	4.893	4.452	9.295	20.127	18.289	23.141	10.691

Leitura	396	403	393	412	410	407	413
Matemática	334	356	370	386	391	377	384
Ciências	375	390	390	405	405	401	404

Tabela 1: Média geral do Brasil no PISA de 2000 a 2018.

Tomando como base os resultados do PISA em 2018, os estudantes obtiveram 404 pontos em ciências e 413 em leitura e em matemática 384 pontos. O desempenho dos estudantes brasileiros sempre esteve abaixo da média comparando aos outros países.

Análise do Discurso

Mediante às concepções sobre o PISA, iremos refletir através da ótica da análise de discurso de linha francesa sobre as questões inerentes à prova e buscar compreender quais são os sentidos que transitam na mídia sobre esta avaliação.

A análise de discurso nasce a partir dos estudos sobre a linguagem, marcada pela língua enquanto sistema de signos e a linguística como sistemas de regras formais, em suas manifestações no processo sócio histórico, a palavra como signo foi se modificando e justamente por causa dessas transformações é que nasce a análise de discurso.

Segundo Orlandi (1999), não se trata da língua e nem da gramática, embora estejam relacionadas, mas do discurso que, epistemologicamente tem a ideia de curso, da palavra em movimento, de prática de linguagem. Procura compreender a língua fazendo sentido, como símbolo de manifestação do homem em seu processo histórico, observando o homem falando.

Por esse tipo de estudo pode-se conhecer melhor aquilo que faz o homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a

transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI , 1999).

Assim, entende-se que a análise vai além da fala do sujeito, sendo colocado como objeto o discurso na produção de sentido atribuído a este. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas.

Observamos que durante nosso cotidiano, os debates são marcados pela oposição do outro sobre um tema, e isso revela lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, materializando a linguagem como expressão desses lugares. Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material.

Para exemplificar essas considerações, observemos o emprego dos substantivos ocupação e invasão em revistas e jornais que circulam em nosso cotidiano. Tais substantivos são constantemente encontrados em reportagens e/ou entrevistas que versam sobre os movimentos dos trabalhadores rurais Sem-Terra e revelam diferentes discursos que se opõem e se contestam. Em torno do Sem-Terra, ocupação é empregado pelos próprios Sem-Terra, e por aqueles que os apoiam e os defendem, para designar a utilização de algo obsoleto, até então não utilizado, no caso, a terra. Invasão, referindo-se à mesma ação, é empregado por aqueles que se opõem aos Sem-Terra, contestam-nos, e designa um ato ilegal, considera os sujeitos em questão como criminosos, invasores. (FERNANDES, 2007).

Vale ressaltar sobre o trecho citado que os termos vão além do seu significado mais comum e assumem um caráter ideológico. Entendendo a palavra invasão para ambos os casos da situação, nota-se que a palavra carrega um signo diferente para os sujeitos e que esses sentidos, e não o significado da palavra apenas são produzidos em relação à ideologia dos sujeitos em questão, da forma como compreendem o meio político e social no qual estão inseridos.

Estas reflexões dão base para compreender o sujeito em um espaço socioideológico, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido nas práticas dos sujeitos condicionando a autonomia do objeto linguístico.

Ao pensarmos nas concepções que envolvem a análise de discursos, considera-se que o sujeito que (re)produz o discurso não é necessariamente o sujeito individual, o ser pensante como um ser empírico, mas também não nega a sua existência. Com isso, entende-se que o

sujeito discursivo é, segundo Fernandes, um sujeito não fundamentado em uma individualidade, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história. Este sujeito é marcado pelo seu valor histórico, em que a sua voz carrega um valor que se expressa em outras vozes.

Segundo Ferreira, entende-se como sujeito:

Resultado da relação com a linguagem e a história, o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso. (FERREIRA, 2005, p. 21)

Para a compreensão do sujeito nessa perspectiva, verificaremos como o sujeito pode ser apreendido e analisado a partir dos discursos. Dada a sua compreensão, o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em seu discurso como resultado de sua história, de sua língua, e sobretudo de como se relaciona com tudo aquilo que está dentro e fora de si.

Contudo, o sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição, que se negam e se contradizem. Ao considerarmos um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos. (FERNANDES, 1999).

Isso evidencia que o discurso não é o objeto do sujeito e sim o sujeito torna-se objeto do discurso, construído a partir dos discursos. A ideologia inconsciente é que o sujeito, ao ser constituído pela linguagem, encontra nela a sua identidade e disso ocorre uma marca do sujeito enquanto efeito de linguagem.

Análise e discussão

O objeto de análise são as reportagens encontradas no veículo midiático: Folha de São Paulo sobre os resultados do PISA-Brasil, mais particularmente da prova aplicada em 2018.

O jornal acompanha a avaliação desde o início nos anos 2000, já tendo publicado aproximadamente mais de 100 reportagens referentes ao PISA que, com o passar do tempo, a avaliação deixou de ser pauta e se tornou uma justificativa para as discussões sobre a educação.

Na última edição do PISA, cujos resultados foram divulgados em final de novembro e início de dezembro de 2019, a Folha de São Paulo publicou 15 reportagens. Dentre essas, foram escolhidas 2 reportagens para ser realizada a análise discursiva: Veja a evolução do Brasil no PISA desde 2000; Aluno no Brasil mais falta e perde tempo de aula com bagunça.

As reportagens escolhidas para serem analisadas e que foram publicadas na Folha de São Paulo sobre a última edição do PISA 2018 discutem a posição do Brasil na avaliação. Apresentando o panorama das reportagens, temos um infográfico dos resultados da prova, a efetividade dos alunos em sala de aula e por fim uma fala do ex-ministro da educação sobre a participação do Brasil.

Nos tópicos a seguir serão apresentados o contexto do jornal em que essas reportagens estão inseridas, a primeira página e a posição dentro do jornal. Na sequência, partimos para a análise dos discursos das reportagens propriamente ditas, buscando problematizar o conteúdo em termos textuais.

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 99 • Nº 33.117

QUARTA-FEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 2019

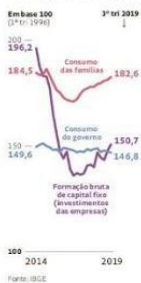
R\$ 5,00

Promotoria trata mortes em baile como homicídio

O Ministério Público de São Paulo vai tratar como homicídio as nove mortes em um baile funk na favela de Paraisópolis. A apuração deve levar 30 dias. A PM disse ter afastado policial que aparece em vídeo agredindo com barra frequentadores de festa ocorrida no mesmo local em outubro. **Cotidiano B2**

Falta de dinheiro matou funk ostentação, afirma documentarista B3

Só a despesa do governo não reage desde a recessão



Setor privado puxa alta de 0,6% do PIB no 3º trimestre

Investimentos sobem 2% no período; crescimento de 2018 é revisado para cima

O PIB (Produto Interno Bruto) do terceiro trimestre cresceu 0,6% em relação aos três meses anteriores e chegou a R\$ 1,842 trilhão, informou ontem o IBGE. Boa parte desse resultado deve-se aos investimentos do setor privado, que subiram 2%. O consumo das famílias aumentou 0,8%, ao passo que as despesas do governo recuaram 0,4%.

Apesar do desempenho positivo, a taxa trimestral ainda está 3,6% abaixo do pico da série, atingido no primeiro trimestre de 2014. O PIB está no mesmo patamar registrado no terceiro trimestre de 2012, tendo se recuperado 4,9% desde que alcançou seu ponto mais baixo, no quarto trimestre de 2016, em meio à recessão econômica.

Para a coordenadora de Contas Trimestrais do IBGE, Rebeca Paiva, o cenário atual demonstra uma melhora "mas ou menos continua, mas não muito acelerada". O instituto também divulgou novos números do PIB de 2018, revisado de 1,1% para 1,3%. O principal fator da mudança foi a agropecuária, que passou de alta de 0,1% para 1,4%. **Mercado A19 e A21**

Análise Érica Fraga
País dependerá cada vez mais das empresas A20

Análise Sergio Vale
Em 2020, agronegócio terá destaque ainda maior A21

Vinicius Torres Freire
Torcida cresce muito mais que o PIB A22



Com 88 metros de altura, atração projeta receber 1 milhão de visitantes ao ano, e promete nova perspectiva de paisagens cariocas, como a ponte Rio-Niterói B3 Guanabara/Flóres

Cotidiano B5
O novo ponto alto do Rio Cidade inaugura na sexta (6) a Rio Star, maior roda-gigante da América Latina

Ilustrada C1
Indústrias da música e do turismo brigam por canção em hotel

Esporte B9
Fui humilhado, diz torcedor expulso do estádio do Palmeiras

EDITORIAL A2
Os 9 de Paraisópolis Sobre ação catastrófica da PM em favela paulistana. Apenas um peão Acerca de ameaça comercial de Trump ao Brasil.

AUDIÊNCIA/MÊS
PÁGINAS VISTAS 253.063.183
VISITANTES ÚNICOS 29.928.622

ISSN 1602-0271
9 771414 322049

Anvisa aprova venda de produtos com cânabis

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) aprovou ontem novas regras para registro de produtos à base de cânabis para fins medicinais no país, autorizando sua venda em farmácias.

Por três votos a um, foi rejeitada uma proposta que daria aval ao cultivo para pesquisa e produção de remédios — o que na prática obrigaria as empresas a importar matéria-prima.

Apesar disso, a Hemp-Meds, primeira companhia a trazer medicamentos ao Brasil, encorajou a medida como um passo importante, em especial por reduzir o custo aos pacientes.

Em decisão liminar da Justiça Federal do DF, outra empresa obteve também ontem autorização para importar, plantar e comercializar produtos à base de cânabis industrial. **Saúde B1 e Mercado A24**

PSL pune Eduardo e mais 17 deputados bolsonaristas

Em atrito com o presidente Jair Bolsonaro, o comando nacional do PSL confirmou suspensões e advertências a 18 deputados do partido. Entre eles está Eduardo Bolsonaro, líder do diretório de São Paulo, que foi dissolvido. **Poder A4**

Haddad sofreu mais acusações de fake news
Em 2018, petista foi alvo de 15 ações, seguido por Bolsonaro, com 14. **Poder A14**

MP que dispensa balanço em jornal perde validade
Rejeitada em comissão, não foi analisada por Câmara e Senado. **Poder A12**

TSE aceitará assinatura digital para novas siglas, mas prazo é incerto A8

Juiz homologa delação de suspeito de hackear Moro e força tarefa A8

STF aceita denúncia, e Renan vira réu pela 1ª vez na Lava Jato A15

Cofundadores do Google anunciam saída do controle da empresa A22

Figura 1: Primeira página da edição 33.117 da Folha e São Paulo, de 04 de dezembro de 2019

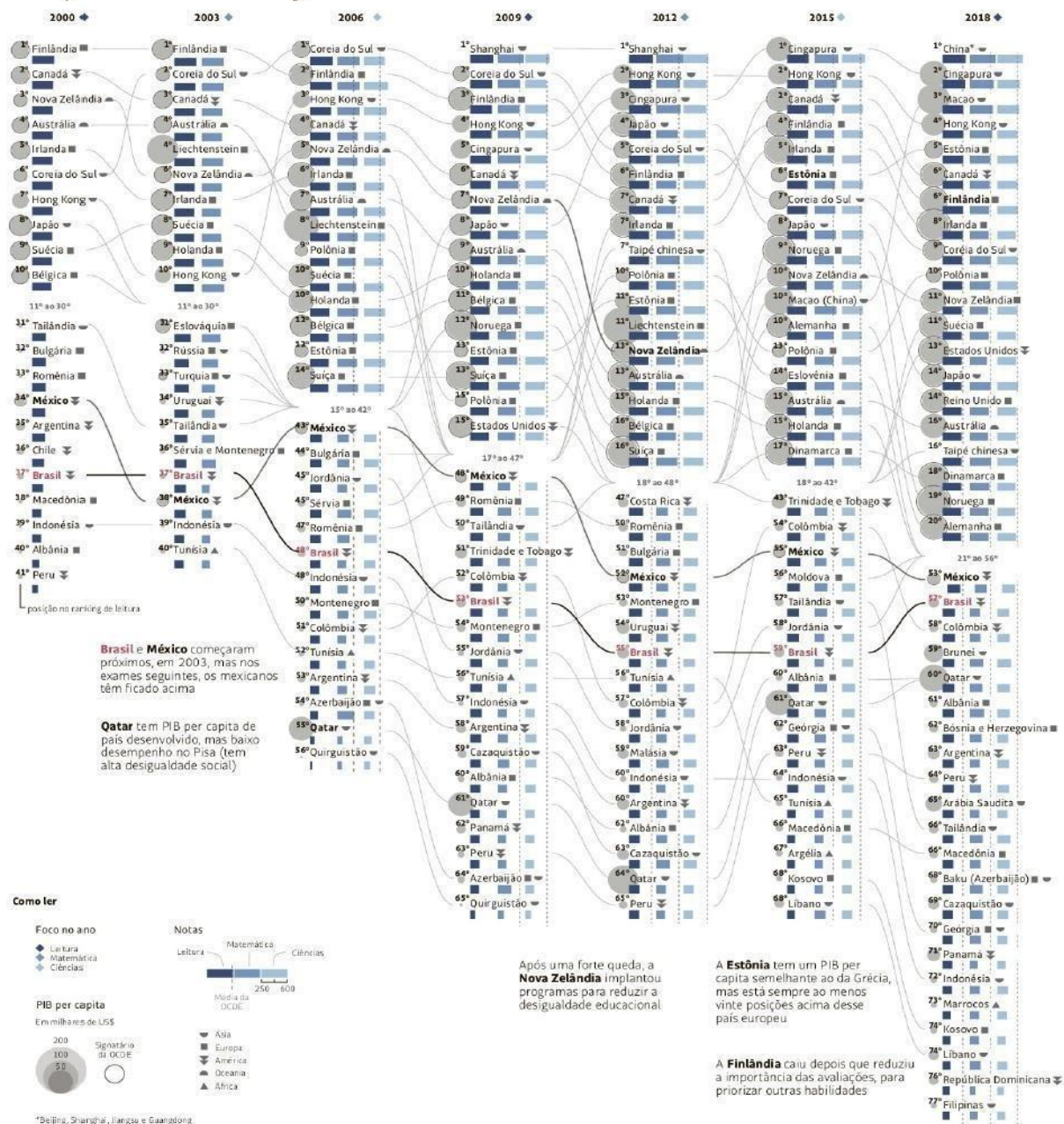
Primeira página

A edição de número N° 33.117, da Folha de São Paulo foi lançada em 04 de dezembro de 2019 em standard, tendo como manchete o aumento do PIB de 3% no setor privado e junto há um infográfico. Também dando destaque ao novo ponto turístico no Rio de Janeiro do qual o jornal traz uma imagem de uma roda gigante próximo à ponte Rio-Niterói que ocupa o centro da página. O jornal segue apresentando um recorte do lado esquerdo com as seções Cotidiano, Ilustrada, Esporte e Editorial. Ao centro, abaixo da imagem, segue com a reportagem que a Anvisa aprova a venda de produtos com cânabis, logo abaixo uma imagem propaganda de um carro e ao lado direito com as notícias políticas. O jornal não destaca a reportagem do PISA a qual é o objeto de análise desta pesquisa.

Posição no jornal

Esta edição está dividida em seção A, B e C, sendo que na seção A encontram-se as colunas de opinião, poder, propagandas, mundo e mercado. Na seção B saúde, cotidiano, esporte e folha corrida. A seção C é composta pela ilustrada, para fechar o jornal retoma com as notícias da seção B. Sobre a reportagem desta pesquisa, encontra-se na seção cotidiano, nas páginas 30 e 31. Nestas páginas, há 4 colunas e um infográfico, sendo duas que discute o PISA e também a fala do ex-ministro da Educação Abraham Weintraub sobre o resultado da avaliação. Também tem uma coluna a respeito da violência contra a mulher e a coluna sobre Ambiente em que traz a concessão do Bolsonaro sobre a estatização de 3 parques nacionais.

Veja a evolução do Brasil no Pisa desde 2000



Fonte: Jornal Folha de São Paulo

Figura 2: Infográfico extraído da página 30 da edição 33.117 da Folha e São Paulo, de 04 de dezembro de

2019.

Veja a evolução do PISA desde 2000

Ao chegar nas páginas do corpus de pesquisa, o que mais chama a atenção é o infográfico que apresenta o resultado final da avaliação do PISA desde 2000. Está dividido por edição, sendo representado por colunas, elencando os países que participaram por ordem de pontuação, da maior nota a menor. Também em destaque a descrição dos países: a colocação da posição junto a um símbolo que expressa o PIB per capita do país, o nome do país e um símbolo criado pelo jornal para classificar o continente ao qual o país pertence. Junto a isso tem um símbolo que distingue qual foi a área avaliada, sendo um espectro de três tons de azul, não se encontra nota atribuída, essa informação é expressada pelo tamanho da barra. Outro detalhe que chama atenção é a relação que foi criada entre uma coluna e outra em que são apontadas as diferenças de cada edição.

O efeito de sentido que é representado neste infográfico é o de competitividade, pois apresenta a pontuação dos países participantes por meio de um *ranking*, o que denuncia o caráter principal do PISA.

Aluno no Brasil falta mais e perde tempo de aula com bagunça

Na outra página inicia-se a discussão relacionada ao PISA, sendo discutida a assiduidade e a postura dos alunos em sala de aula, outro fator que é avaliado. O título está em negrito e junto à introdução que completa o tema da coluna. A reportagem é assinada por Angela Pinho, repórter da Folha de São Paulo que cobre políticas públicas, em especial a Educação, jornalista pela USP (2002).

O título e introdução

Aluno no Brasil falta mais e perde tempo de aula com bagunça

Pisa revela ainda que fatia dos estudantes do país que se sente triste e sofre bullying supera a média das 79 nações

Fonte: Jornal Folha de São Paulo

Figura 3: Título da reportagem “Aluno no Brasil falta mais e perde tempo de aula com bagunça” da Folha e São Paulo, de 04 de dezembro de 2019

O efeito de sentido atribuído ao título responsabiliza os alunos brasileiros pela nota alcançada, não retratando o fator socioemocional como um item de avaliação, essa informação vem no corpo da notícia. Também utiliza da introdução para reiterar essa afirmação comparando os brasileiros com os outros países reforçando a ideia de competitividade. Junto a isso, a reportagem cria um cenário da educação no país como de desinteresse dos estudantes, promovendo um clima escolar de violência e apatia.

Angela Pinho

SÃO PAULO Alunos do Brasil faltam mais na escola e perdem mais tempo de aula por indisciplina do que a média dos países que participaram do Pisa, principal avaliação internacional da educação básica.

Além disso, demonstram ter menos confiança em sua capacidade, cooperam menos que os outros e têm visto aumentar casos de bullying, além de ter uma parcela maior de estudantes que se sentem "sempre tristes".

As conclusões podem ser obtidas pelas respostas dos alunos no questionário que acompanha a prova. Aplicada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) a cada três anos, ela avaliou em 2018 alunos de 15 anos de 79 países ou regiões.

O exame abrange as áreas de leitura, destaque do relatório deste ano, matemática e ciências.

Segundo o relatório, 41% dos alunos brasileiros relataram que nas aulas de linguagem (no caso, óbvio, o português), o professor tem que esperar longo tempo para os estudantes ficarem quietos. Eles alcançaram 19 pontos a menos na prova de leitura do que os estudantes que declararam que isso ou não acontece

nunca ou ocorre raramente.

A média de alunos dos países da OCDE que registraram a mesma constatação é de 26%.

O resultado contribuiu para que o Brasil fosse classificado como um dos países com pior clima disciplinar, ao lado de Argentina, Grécia e Espanha.

Outra disparidade do Brasil em relação aos países da OCDE são as faltas: metade dos alunos não foi algum dia à escola nas duas semanas anteriores ao Pisa. A média da organização é menos da metade: 21%.

Por outro lado, o país se junta aos EUA e ao Reino Unido como um dos países em que há mais competição do que colaboração na escola, ao contrário de Alemanha, Dinamarca, Holanda e Japão.

A proporção de brasileiros que diz que seus colegas cooperam uns com os outros é de 62%, e a dos que dizem competir, de 57%. Ambas são maiores que as da média da OCDE.

Por outro lado, a parcela de alunos sem autoconfiança é maior. No Brasil, 77% acham que conseguem normalmente achar saída para situações difíceis. Na OCDE, são 84%.

No recorte de gênero, é possível perceber que as meninas são, em geral, menos competitivas e mais motivadas que os meninos, segundo o relatório. E, embora tenham de-

sempenho superior em leitura e semelhante em ciência, a boa performance superior não impede que elas tenham mais medo de falhar, segundo as conclusões da avaliação.

Há outros indícios de piora no clima escolar. Considerando meninos e meninas, o relatório mostra que a satisfação dos adolescentes de 15 anos com a vida diminuiu no mundo, em média 0,3 ponto em escala de 0 a 10, e 0,5 ponto em países como Brasil, onde chegou a 7,05, EUA (6,75), Japão (6,18) e Reino Unido, que teve a queda mais drástica, de 0,81, caindo para 6,16.

A falta de alunos brasileiros que declara se sentir sempre triste é mais que o dobro da média da OCDE: 13% do total, contra 6%, só menor que as de Brunei, Macau e Malásia.

O índice de pessoas que sofrem bullying também cresceu no Brasil, assim como na Colômbia e na República Dominicana. Os alunos que disseram sofrer a prática algumas vezes por mês foram de 17,5% em 2015, para 29% em 2018.

Nem tudo, porém, são más notícias: 83% dos alunos brasileiros relataram que seu professor demonstra satisfação em ensinar, mais do que a média de 74%. O interesse do educador está relacionado a maiores notas no mundo todo.

Fonte: Jornal Folha de São Paulo

Figura 4: Reportagem “Aluno no Brasil falta mais e perde tempo de aula com bagunça” da Folha e São Paulo, de 04 de dezembro de 2019

Reportagem transcrita na íntegra:

Na escola se perdem mais tempo de aula por indisciplina do que a média dos países que participaram do PISA, principal avaliação internacional da educação básica.

Além disso, demonstram ter menos confiança em sua capacidade, cooperam menos que os outros e têm visto aumentar casos de bullying, além de ter uma parcela maior de estudantes que se sentem "sempre tristes".

As conclusões podem ser obtidas pelas respostas dos alunos no questionário que acompanha a prova. Aplicada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) a cada três anos, ela avaliou em 2018 alunos de 15 anos de 79 países ou regiões.

O exame abrange as áreas de leitura, destaque do relatório deste ano, matemática e ciências.

Segundo o relatório, 41% dos alunos brasileiros relataram que nas aulas de linguagem (no caso, óbvio, o português), o professor tem que esperar longo tempo para os estudantes ficarem quietos. Eles alcançaram 19 pontos a menos na prova de leitura do que estudantes que declaram que isso ou não acontece nunca ou ocorre raramente.

A média de alunos dos países da OCDE que registraram a mesma constatação é de 26%.

O resultado contribuiu para que o Brasil fosse classificado como um dos países com pior clima disciplinar, ao lado de Argentina, Grécia e Espanha.

Outra disparidade do Brasil em relação aos países da OCDE são as faltas: metade dos alunos não foi algum dia à escola nas duas semanas anteriores ao PISA. A média da organização é menos da metade: 21%.

Por outro lado, o país se junta aos EUA e ao Reino Unido como um dos países em que há mais competição do que colaboração na escola, ao contrário de Alemanha, Dinamarca, Holanda e Japão.

A proporção de brasileiros que diz que seus colegas cooperam uns com os outros é de 62%, e a dos que dizem competir, de 57%. Ambas são maiores que as da média da OCDE.

Por outro lado, a parcela de alunos sem autoconfiança é maior. No Brasil, 77% acham que conseguem normalmente achar a saída para situações difíceis. Na OCDE, são 84%.

No recorte de gênero, é possível perceber que as meninas são, em geral, menos competitivas e mais motivadas que os meninos, segundo o relatório. E, embora tenham desempenho superior em leitura e semelhante em ciência, a boa performance superior não impede que elas tenham mais medo de falhar, segundo as conclusões da avaliação.

Há outros indícios de piora no clima escolar. Considerando meninos e meninas, o relatório mostra que a satisfação dos adolescentes de 15 anos com a vida diminuiu no mundo, em média 0,3 ponto em escala de 0 a 10, e 0,5 ponto em países como Brasil, onde chegou a 7,05, EUA (6,75), Japão (6,18) e Reino Unido, que teve a queda mais drástica, de 0,81, caindo para 6,16.

A fatia de alunos brasileiros que declara se sentir sempre triste é mais que o dobro da média da OCDE: 13% do total, contra 6%, só menor que as de Brunei, Macau e Malásia.

O índice de pessoas que sofre *bullying* também cresceu no Brasil, assim como na Colômbia e na República Dominicana. Os alunos que disseram sofrer a prática algumas vezes por mês foram de 17,5%, em 2015, para 29% em 2018.

Nem tudo, porém, são más notícias: 83% dos alunos brasileiros relataram que seu professor demonstra satisfação em lecionar, mais do que a média de 74%. O interesse do educador está relacionado a maiores notas no mundo todo.

Essa reportagem coloca em reflexão sobre como encontra-se a educação em nosso país, o texto acentua a ideia de um clima escolar de desinteresse dos alunos, sem abranger o todo contexto social que atravessa o cotidiano dos alunos brasileiros. Também é apontado na reportagem sobre os dados obtidos pela avaliação, sem uma explicativa da intenção ou de como funciona o PISA.

O texto reforça a ideia de competitividade utilizando termos que vão ilustrando uma imagem negativa de uma equiparação aos demais competidores. Com os termos “perdem mais tempo” e “esperar longo tempo para os estudantes ficarem quietos”, a autora começa a criar uma responsabilidade dos alunos na nota alcançada do país. Continuando para dar cores a esta ilustração, a autora aponta “menos confiança em sua capacidade”, “cooperam menos que os outros” e o aumento de “casos de *bullying*”, que fazem aprofundar o sentido de incapacidade dos

alunos brasileiros. Sobre o *bullying*, a autora acentua um despreparo de toda a gestão escolar, pois entende que se há mais violência na escola, faz questionar-se o papel da mesma. Consequentemente a isso resultam em estudantes que se sentem "sempre tristes".

Considerações finais

Para compreendermos o resultado, é preciso um retorno aos questionamentos que nortearam este artigo: que tipos de reportagens são veiculadas sobre a prova do PISA? Como a mídia contribui para construir uma identidade da educação brasileira? E como as reportagens constroem discursivamente o papel de aluno e professor?

Ainda não podemos dizer que aqui se encontram todas as respostas, mas buscamos refletir sobre como a mídia influencia na imagem da educação. Tendo em vista não só as reportagens selecionadas, mas na seleção do objeto de estudo, como um todo, nota-se que as notícias referentes ao PISA ou mesmo sobre a Educação carregam um teor sensacionalista, e em muitas nota-se um discurso pessimista, dando a sensação ao leitor de um cenário de ineficiência do nosso sistema educacional.

Com o desenrolar das reportagens, aos poucos, a figura vai criando forma e ganhando cor, construindo uma imagem pessimista da educação brasileira, através dos ditos e não-ditos. Visto que as informações que o jornal escolheu faz uma comparação do Brasil com os demais países e não consigo mesmo, motivo que poderia mostrar um leve progresso nos exames se comparados a anos anteriores.

Referências

FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault. In: Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos. Disponível em: . Acesso em: 21 abr. 2020.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Glossário de Termos do Discurso. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2009.

BRASIL. Lei das diretrizes e bases da educação nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes Acesso em: 02 jun. 2020.

BRASIL (2019). PISA 2019. Relatório Nacional. Brasília, DF: INEP/MEC

Brasil, Como o Pisa funciona?; INEP, disponível em:
<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>;
acessado: 26 mar 2020.